



Revista Pistis & Praxis: Teologia e

Pastoral

ISSN: 1984-3755

pistis.praxis@pucpr.br

Pontifícia Universidade Católica do
Paraná
Brasil

Tavares Cardoso Adkins, Cláudia Regina

O dialogar da Revista Diálogo com o professor-leitor do Ensino Religioso

Revista Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral, vol. 2, núm. 2, julio-diciembre, 2010, pp. 383-
415

Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Curitiba, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=449749240009>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc



Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto



O dialogar da *Revista Diálogo* com o professor-leitor do Ensino Religioso

The dialogue between Revista Diálogo and the teacher-reader of the Religious Education

Cláudia Regina Tavares Cardoso Adkins

Jornalista, especialista em formação pedagógica do professor universitário, Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Curitiba - Brasil, e-mail: claudiartc3003@hotmail.com

Resumo

Esta pesquisa considerou a contribuição da *Revista Diálogo*, mídia impressa editada pelo Grupo Paulinas, para a formação do professor-leitor do Ensino Religioso, durante o período de 1995 a 2010. Procurou-se identificar as percepções de professores sobre o Ensino Religioso, a partir da *Revista Diálogo*, pela ótica da teoria do receptor-leitor. A importância do tema se dá em vista da inserção do Ensino Religioso, como área de conhecimento (1998), antecedido pela revisão do Artigo 33, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1997), que reforçou o Ensino Religioso como disciplina curricular e área de conhecimento a ser ensinada nas escolas públicas do ensino fundamental.

Considerados o objeto do estudo e o conteúdo a ser analisado, houve apoio teórico em Freire, Junqueira e Garcia. Embasando a teoria da recepção, com ênfase no leitor-professor e a função da linguagem na mensagem da revista, foram consultados Bordenave, Chalhub, Chartier, Martín-Barbero, Mattelart, entre outros. Foi demonstrado que a *Diálogo* auxilia no aprofundamento e na atualização sobre o fenômeno religioso, orientando e ampliando o conhecimento dos leitores. Portanto, no ponto de vista do professor-leitor, a *Revista Diálogo* contribuiu para a formação continuada do docente do Ensino Religioso. Esse leitor-professor encontra-se no processo dinâmico pela busca da formação continuada e permanente. O Ensino Religioso encontra espaço para levar o aluno a refletir sobre o sentido da vida e assumir um compromisso responsável de transformação da realidade segundo os valores religiosos, por meio de escolhas livres e coerentes.

Palavras-chave: Educação. Ensino Religioso. Formação de professores. Comunicação. Leitores-receptores.

Abstract

This research considered the contribution of Revista Diálogo, press media edited and published by Grupo Paulinas, for the formation of Religious Education's teacher-reader, spanning the years from 1995 to 2010. The aim was to identify the teacher's perceptions about Religious Education from the Revista Diálogo perspectives, through the theoretical reader-receiver's focus. The importance of this matter is due to the adoption of Religious Education as a field of knowledge (1998) preceded by the review of the article 33, of the Law of Directives and Basis for the National Education (1997), which reinforced Religious Education as a curricular subject, as well as a field of knowledge, to be taught in public schools of elementary school. Considering the study object and the content to be analyzed, there was theoretical grounding laid by Freire, Junqueira, Garcia, and others. Providing the basis for the reception theory, with emphasis on the teacher-reader and the role of the language in the message conveyed by Revista Diálogo, Bordenave, Chalhub, Chartier, Martin-Barbero, Mattelart, and others were consulted. It was shown that Diálogo helps in the deepening and updating process about the Religious phenomenon, thus, orienting and widening the reader's knowledge. Therefore, under the viewpoint of the teacher-reader, the Revista Diálogo contributed

to the continued formation of the Religious Education teacher. This teacher-reader now finds himself amidst the dynamical process in the search for his permanent and continued professional formation. Religious Education finds room for leading the student through reflections about the meaning of life and to get responsibly committed with the transformation of reality according to religious values, through free and coherent choices.

Keywords: *Education. Religious Education. Teachers formation. Communication. Readers-receivers.*

Introdução

Pode haver um diálogo entre leitor e o objeto lido? Ou melhor, uma revista e o público da qual é alvo? A contribuição que a *Revista Diálogo* proporciona aos professores de Ensino Religioso no Brasil, nos últimos 15 anos, é com certeza uma forma de dialogar com o leitor.

A *Revista Diálogo*, produzida pelo Grupo Irmãs Paulinas desde outubro de 1995, tornou-se um periódico que antecipou o processo de alteração da concepção do Ensino Religioso (ER) no Brasil e acompanhou sua implantação. Criada a partir das aspirações de professores do Ensino Religioso, que se encontravam desejosos de aprofundar a reflexão na práxis desse componente curricular, a revista surgiu em pleno debate da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), em trâmite no Congresso Nacional. Com todos os acontecimentos sociais, ela veio contribuir e oferecer aos professores do ER elucidação, ainda que parcialmente, dos questionamentos sobre o currículo que se construiu nessa área do conhecimento.

O diálogo com o leitor é percebido por meio da seção Cartas dos Leitores. A relação existente entre os docentes-leitores e a revista, para a formação desses profissionais, aponta para um relacionamento, uma mediação. Essa relação é claramente percebida pelas correspondências que foram dirigidas aos editores. Por elas, tem-se a possibilidade de verificar a contribuição dos temas abordados para a formação do professor do ER. Há nesse processo entre professor-leitor e o objeto lido – a *Revista Diálogo* – um interesse dos educadores em contribuir na elaboração do periódico. Um interesse pelo

diálogo. Esse interesse é materializado por meio dos questionamentos e sugestões que os docentes-leitores enviaram à direção da *Diálogo*.

Ao observar a relação existente entre o professor-leitor e a direção da Revista, depara-se com profissionais curiosos e críticos do seu fazer pedagógico. Professores interessados em obter mais informações que os auxiliassem na transposição do ensino catequético, para um Ensino Religioso de ampla abrangência educacional. Porém, não somente ‘aprender mais’, mas também contribuir com suas vivências e experiências cotidianas. É o repartir para multiplicar: dividir com o outro o conhecimento adquirido pela experiência e pelos anos de capacitação, para que haja a pulverização do conhecimento do fenômeno religioso, como disciplina.

É nos anos 90, mais precisamente em 1998, que o Ensino Religioso constituiu-se como área do conhecimento, sendo inserido nessa perspectiva curricularmente. No ano anterior, ocorreu a revisão do Artigo 33 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.475/97 (BRASIL, 1997), que reforçou o Ensino Religioso como disciplina curricular e área de conhecimento a ser ensinado nas escolas públicas do ensino fundamental. Junqueira (2002) escreve sobre as alterações que o ER passou em sua concepção. Não mais “pressuposto teológico, mas [...] pedagógico” (JUNQUEIRA, 2002, p. 43), o que gerou uma formatação mais educacional.

Entende-se, no processo comunicacional da *Revista Diálogo*, a existência do emissor e do receptor. Faz-se pertinente clarificar a existência de um modelo de comunicação, em que se encontram elementos básicos para que uma informação ou mensagem seja expressa e assimilada com clareza, atingido, assim, o objetivo ao qual se destina. Para Philip Kotler (1980), professor Doutor em Marketing, quando o tema é um modelo de comunicação, faz-se necessário pensar sobre: “1. quem; 2. diz o quê; 3. em que canal; 4. para quem; 5. com que efeito” (KOTLER, 1980, p. 382). “Com que efeito?” foi um dos pontos que chamaram a atenção na *Revista Diálogo*, como canal da mensagem sobre o Ensino Religioso. As correspondências chegaram via correio e/ou pelo endereço eletrônico, sendo ambos divulgados no espaço Cartas de cada edição. Tratou-se de todas as correspondências (cartas e e-mails) recebidas na redação da *Revista Diálogo*, nesses 15 anos, e que foram arquivadas no Grupo de Revistas Paulinas. A segurança de que todas as correspondências emitidas pelos leitores foram publicadas vem com a entrevista realizada pela autora com a editora-chefe da *Revista Diálogo*.

Criação da revista: contexto desafiador

A modernização dos sistemas educacionais, somados aos avanços tecnológicos, principalmente no campo das comunicações, como as programações das emissoras de televisão por assinatura, as transmissões ao vivo, a microeletrônica e a robotização (FAUSTO, 1995, p. 554), foram fatores preponderantes para os movimentos sociais das décadas de 80 e 90.

Especificamente na área da Educação, os anos 90 caminharam na proposição e elaboração da LDBEN e do Ensino Religioso (ER).

O ER é entendido na LDBEN e pelos pesquisadores como área de conhecimento referente ao fenômeno religioso, bem como os “processos, sistemas e operações que contribuem para a constituição de saberes [...], valores e práticas sociais indispensáveis ao exercício de uma vida de cidadania plena” (JUNQUEIRA, 2002, p. 21).

Entre as “práticas sociais” está o acesso à educação, que por sua vez é um dos conceitos de cidadania. Com o olhar na inclusão social e não mais na convivência passiva com a exclusão, em março de 1995 o senador Darcy Ribeiro (1922-1997) assumiu como relator da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), encaminhando-a à Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania (JUNQUEIRA, 2002, p. 33). Após discussões e emendas rejeitadas e outras aprovadas, o projeto de lei recebeu aprovação dos deputados federais e foi sancionado pelo presidente Fernando Henrique Cardoso, em 20 de dezembro de 1996. Porém, há de se destacar as diferenças existentes entre os textos da Câmara dos Deputados (tendo como relator o deputado José Jorge, de Pernambuco) e do senador Darcy Ribeiro. As divergências, entre outras, estavam na concepção do sistema de ensino.

Vinte e cinco anos depois da LDB 5.692/71 (BRASIL, 1971), entra em vigor a LDBEN 9.394/96 (BRASIL, 1996), também denominada de “Lei Darcy Ribeiro”, que encaminhava o processo educacional com mais liberdade à diversidade cultural brasileira (JUNQUEIRA, 2002, p. 35). Estabeleceu também duas modalidades a serem cumpridas no Ensino Religioso: a confessional e a interconfessional. Essa primeira redação da lei causou inúmeras discussões e reações no meio dos grupos sociais comprometidos com o ER como área de conhecimento pedagógico.

Com toda essa liberdade e a agregação dos temas transversais, entre eles a pluralidade cultural, que é um dos argumentos em favor do Ensino

Religioso como área de conhecimento pedagógico, ainda pesava no debate o “financiamento da disciplina”. A LDBEN n. 9.394/96 foi aprovada com o Artigo 33, constando o termo “sem ônus para os cofres públicos”, o que mantinha a linha da catequese e não como área de conhecimento.

Todos os debates que antecederam a aprovação da lei foram no sentido de definir o ER como disciplina curricular. Uma parceira dos pesquisadores da área do ER aconteceu com a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), que participou ativamente dos movimentos nacionais, a ponto de organizar o “Setor de Ensino Religioso”, subordinado à Linha de Educação. Mas anteriormente a CNBB já contava com o Grupo de Reflexão do Ensino Religioso (Grere), criado em 1985 para subsidiar os bispos sobre as discussões do ER no Brasil. Depois houve a criação da *Revista Diálogo*, em 1995, pela Editora Paulinas, com o apoio da CNBB e a pedido dos professores do ER.

O Encontro Nacional de Ensino Religioso (Ener) era promovido pela CNBB, e na décima edição, em 1994, também foram comemorados os 20 anos do evento. Outra instância de debate entre os professores e estudiosos do fenômeno religioso foi o Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso (Fonaper), fundado em Florianópolis, Santa Catarina, em setembro de 1995, como “espaço supra-institucional, com profissionais da disciplina” (JUNQUEIRA, 2002, p.48), para discutir e articular o caráter pedagógico do ER.

A CNBB e demais articulistas discutiram e propuseram nova redação à Lei 9.394/96, no Artigo 33, referente ao ônus; enquanto isso, o Fonaper observou que havia a necessidade de sair do embate Igreja *versus* Estado, para uma nova formatação pedagógica do ER, como componente curricular. Também o Conselho Nacional de Educação, em março de 1996, “reconheceu o Ensino Religioso como área de conhecimento, portanto, pertinente ao currículo” (JUNQUEIRA, 2002, p. 62).

Depois das interferências, debates e discussões, surgiu a Lei 9.475/97, que dá nova redação ao Artigo 33 da LDB 9.394/96, estabelecendo as diretrizes e bases da Educação Nacional. Reforçou o Ensino Religioso como disciplina curricular e área de conhecimento a ser ensinada nas escolas públicas de educação básica – portanto, com objeto de estudo, conteúdo e encaminhamento metodológico próprios, objetivos definidos e sistema de avaliação. Como disciplina, o ER nasceu de uma nova articulação e conceituação de currículo, onde a prática, a teoria e concepções de cidadania estão intrinsecamente interligadas e desenvolvidas em sala de aula.

Agora é o princípio religioso o foco no ER das escolas e não mais as religiões, não havendo mais a segregação do educando por causa do credo professado. “A nova redação do Artigo 33 centra o enfoque do Ensino Religioso como disciplina escolar, entendendo-o como uma área do conhecimento, com a finalidade de reler o fenômeno religioso, este colocado como objeto da disciplina” (JUNQUEIRA, 2002, p. 69).

É importante ressaltar que os professores do ER desejavam melhor articulação dos acontecimentos. Dos Encontros Nacionais de Ensino Religioso surgiu o embrião para a criação da *Revista Diálogo*. Foi no X Ener, no período de 7 a 10 de agosto de 1994, em Fortaleza, Ceará, que os participantes, “a partir das palestras e oficinas”, levantaram “dois problemas emergentes e para cada problema levantado, uma proposta de resposta” (ENCONTRO..., 1994, p. 19). Entre as propostas e sugestões ao fim do encontro, surgiu a “criação de um jornal periódico ou revista de circulação nacional” (ENCONTRO..., 1994, p. 21).

Nesse Encontro participaram 180 professores de 23 Estados brasileiros, e, segundo a Irmã Luzia Sena, todos se manifestaram positivamente para a criação de um periódico “que ajudasse na formação profissional específica e fosse, ao mesmo tempo, um elo de comunicação, intercâmbio de experiências e informações entre os professores das várias regiões do país” (SENA, 2006, p. 95).

O próximo passo, no sentido de tornar realidade o anseio dos professores, por um veículo de comunicação que auxiliasse na discussão e reflexão sobre o fenômeno e o Ensino Religioso, foi de Dom Aloysio Leal Penna, bispo de Bauru, SP, e responsável pelo Setor de Educação da CNBB. Em reunião do Grere, Dom Aloysio propôs a criação de uma revista de Ensino Religioso, convidando o professor Doutor, assessor da Editora Paulinas e membro do Grere, Francisco Catão, para esboçar “um breve perfil da revista”.

A Paulinas foi a primeira editora a ser consultada e desafiada a publicar a revista. Em entrevista, a Irmã Luzia Sena (2006) descreve esse momento:

[...] na reunião seguinte do Grere, no mesmo ano, o bispo responsável, que é Dom Aloysio Leal Penna, levou a sério esse pedido dos professores de ter um meio de comunicação entre eles, uma revista. Ele já estava no fim do mandato na CNBB como responsável pelo Ensino Religioso, e quis levar adiante. Como eu participava do Grere e era também da editora, a primeira a ser contatada foi a Paulinas.¹

¹ SENA. Entrevista concedida a Claudia Regina Tavares Cardoso Adkins na sede da Editora Paulinas, jan. 2006.

Após a decisão da Paulinas em aceitar o desafio, Irmã Luzia Sena comunicou Dom Aloysio Leal Penna. Em correspondência, publicada na primeira edição (número zero) da revista, o Bispo de Bauru relata sua alegria e dos demais membros da CNBB:

Digníssima Provincial das Irmãs Paulinas,
Quero, por escrito, manifestar meus agradecimentos e alegria
pela resolução das Irmãs Paulinas de criarem a Revista de Ensino
Religioso. Como a senhora me falou por telefone, foi um presente
de Páscoa, para mim que venho lutando, há dois anos, para a
criação desta revista.

Comunico também que, na reunião da Presidência e CEP da
CNBB, dia 25.04.95, informei sobre esta resolução das Paulinas.
A iniciativa foi aplaudida por todos. A revista será, certamente,
um veículo de formação, informação, troca de experiências,
resenhas bibliográficas etc. para milhares de professores que
atingem milhões de crianças e adolescentes nas nossas escolas
públicas e particulares do Brasil.

Que Deus abençoe o vasto e cada vez mais atual apostolado com
os MCS que as senhoras realizam no Brasil e no mundo. Dom
Aloysio Leal Penna – Bispo de Bauru (DIÁLOGO, 1995, p. 5).

Na reunião de instalação do Fonaper, no dia 26 de setembro de 1995, em Florianópolis, Santa Catarina, foi lançada a primeira edição da *Diálogo*.

A Revista é monotemática, ou seja, “aborda um tema sob vários aspectos” (JUNQUEIRA, 2002, p. 47). Há na *Diálogo* a seção Cartas, que é de “gênero jornalístico opinativo” (CHAPARRO, 1992 apud MELO, 1992, p. 63). Portanto, nela leitores do periódico escrevem expressando suas opiniões, ideias ou críticas com relação às matérias publicadas, sugerem e interferem no processo de produção. O receptor-leitor da *Diálogo* recorre às cartas como recurso para imprimir seus pontos de vista sobre o Ensino Religioso no Brasil, até mesmo extravasar suas emoções e indignação sobre os problemas enfrentados nessa área do conhecimento.

Toda a revista visa a dar subsídio à formação do professor do Ensino Religioso. Esse subsídio é percebido na estrutura da publicação, que orienta a formação do professor por meio de seções como: Dicas, Destaque, Conheça mais, Resenha, Em pauta, Aprendendo e ensinando. Há também as entrevistas e a sugestão de dinâmicas, como atividades para serem aplicadas em sala de aula.

Um dos aspectos que determinam que uma revista seja também um periódico diz respeito, é claro, à periodicidade. A *Diálogo* é uma revista com periodicidade regular. Desde o lançamento, em outubro de 1995, até nos dias atuais, são editados quatro números anuais nos meses de fevereiro, maio, agosto e outubro.

Trata-se de um periódico formativo e informativo. Buscando em Beltrão (1964) a conceituação de matéria ou texto informativo, tem-se o seguinte: “[...] o relato puro e simples de fatos, idéias e situações do presente imediato, do passado ou do vir-a-ser possível/provável, que estejam, no momento, atuando na consciência coletiva [...]” (BELTRÃO, 1964, p. 19). Formativo porque os temas abordados procuram gerar saberes para a compreensão do leitor-professor. Entre os temas estão artigos de fundamentação teórica, experiências pedagógicas, sugestões de atividades e dinâmicas educativas, notícias sobre eventos do Ensino Religioso e indicação de leitura e de subsídios relativos ao tema abordado na edição.

Formação de professores do Ensino Religioso

A *Diálogo – Revista do Ensino Religioso* foi criada a partir dos e para os professores. Aos docentes do ER, a Revista oferece conteúdo para auxiliá-los na busca permanente da ação pedagógica. Aqui a ‘formação’ é conceituada como desenvolvimento pessoal, nesse caso, do profissional-professor. Alguns autores citados por Garcia (1999), como González Soto (1989), Zabalza (1990a) e Ferry (1991) descrevem a formação ligada ao crescimento pessoal. Para eles, é o processo de desenvolvimento que o profissional caminha para alcançar um registro identificável, baseado na realidade e princípios da sociedade em que se está inserido (GARCIA, 1999, p. 19).

Zabalza (1990) define formação como “o processo de desenvolvimento que o sujeito humano percorre até atingir um estado de ‘plenitude’ pessoal” (ZABALZA, 1990a, p. 201 apud GARCIA, 1999, p. 19). Também González Soto (1989) postula nessa mesma linha de pensamento: “[...] diz respeito ao processo que o indivíduo percorre na procura da sua identidade plena de acordo com alguns princípios ou realidade sociocultural” (GONZÁLEZ SOTO, 1989, p. 83 apud GARCIA, 1999, p. 19).

Já no fim da década de 1970 e início dos anos 1980, Freire (1993), já levantava a bandeira do “ultrapassar a visão fragmentada da realidade”

(FREIRE, 1993). Era um dos primeiros ecos relativos à formação dos professores. Nesse período já se falava em superação do individual por meio da liberdade de pensamento, cooperação entre as partes interessadas pelo todo e pelo desenvolvimento da sociedade e dos cidadãos.

Para que o processo do Ensino Religioso deixe de ser teológico e, na prática, abandone o confessional, é necessária a formação de professor desta área do conhecimento. A formação do professor do ER é permeada pelos pressupostos, como fenômeno religioso (sendo este o objeto desta área do conhecimento), cidadania, ética e ação reflexiva, sempre orientando e inserindo os discentes no contexto social, econômico, político e cultural.

A LDBEN estabelece a formação do professor do ensino fundamental e, em seu Artigo 33, também contempla normas de habilitação sobre a formação do professor do Ensino Religioso, totalmente amparado legalmente, mas desamparado na prática nacional. O docente do ER necessita de uma formação específica sobre os saberes que englobam essa área de conhecimento, para que possa ter uma práxis efetiva e de qualidade.

Porém, os entendimentos na interpretação da lei são diferenciados. Corrêa (2006) escreve que, no âmbito federal, o Conselho Nacional de Educação alega que a Lei 9.475/97 não traz nenhum artigo que expresse essa necessidade e prefere transferir a responsabilidade formativa do professor para cada Estado da Federação. Por sua vez, nos Estados há escassez de recursos financeiros e humanos – o que transfere a formação dos professores do Ensino Religioso, automaticamente, para cursos contínuos.

Desses cursos de formação continuada, com cargas horárias reduzidas, saem professores com conhecimento teórico debilitado, o que se transfere para uma prática ausente de uma metodologia eficaz.

Toda essa dificuldade referente à identidade da disciplina desafiou professores e especialistas do Ensino Religioso a propor a “formação própria de licenciados”. Esse desafio ganhou amplitude com a instalação do Fonaper, que sugeriu um Curso de Licenciatura em Ensino Religioso, o que possibilita, no contexto da formação do profissional professor, um “referencial teórico-metodológico” sobre o fenômeno religioso, habilitando-o “para o pleno exercício pedagógico”. Também foi a meta do Fórum Permanente preparar o professor do ER, por meio do conhecimento do fenômeno “presente em todas as culturas, para o exercício pedagógico no âmbito social, cultural, antropológico, filosófico, ético, pedagógico, científico e religioso na escola”. Não ficou esquecido, pelo Fonaper, que

esses profissionais também deveriam ter “acesso aos direitos previstos nas legislações específicas do magistério” (JUNQUEIRA, 2002, p. 111-112).

Dentro dessa linha, o professor é auxiliado no entendimento sobre o conhecimento humano, de maneira global, sistêmica, proporcionando aos alunos o “conhecer-se a si mesmo” para compreender e respeitar o “outro”. O primeiro parágrafo do Artigo 33 da LDBEN já contempla que a responsabilidade para admitir e capacitar os professores do Ensino Religioso é dos sistemas de ensino dos governos dos Estados e dos municípios: “[...] § 1º - Os sistemas de ensino regulamentarão os procedimentos para a definição dos conteúdos do Ensino Religioso e estabelecerão as normas para a habilitação e admissão dos professores [...]” (BRASIL, 1996). Os Estados de Santa Catarina e Pará têm Licenciaturas para formar o professor do Ensino Religioso. Nos outros Estados brasileiros existem cursos livres de extensão ou de especialização para complementar a formação de professores de outras áreas do conhecimento, no âmbito do ER, o que se torna apenas uma complementação e não uma formação do profissional professor.

O profissional-docente do ER sente-se obrigado a buscar em outros recursos a autoformação. Entre esses recursos está a leitura. São professores-leitores que procuram adquirir nova visão no conhecimento do fenômeno religioso.

Teoria da recepção: o público-sujeito-leitor

A relação existente entre o professor-leitor e o periódico *Diálogo – Revista do Ensino Religioso* é, ao mesmo tempo, algo fascinante e intrigante, porque dessa relação há todo um processo de comunicação e recepção em que produto (a revista) oportuniza ao público-sujeito-leitor-receptor (o professor) a aquisição de conhecimento, de informação. Mas não isso não se resume a essa dimensão: o professor-leitor retorna esse saber e interfere na elaboração da revista, quando “age ou tenta agir sobre a esfera da produção da mensagem, com a intenção de interferir nesse pólo” (SANTHIAGO, 2005, p. 1).

Comunicação, segundo os sociólogos Loomis e Beagle (1957 apud BORDENAVE, 1995), é compreendida como processo “pelo qual informação, decisões e diretivas circulam em um sistema social, e as formas em que o conhecimento, as opiniões e as atitudes são formadas ou modificadas” (LOOMIS; BEAGLE, 1957 apud BORDENAVE, 1995,

p. 13). Por sua vez, a comunicação faz parte de um processo macro e ao mesmo tempo básico: o processo de organização. Aqui organização é a mesma defendida por Bordenave (1995): “[...] é todo conjunto de partes ou elementos que de alguma maneira se relacionam e se influenciam reciprocamente” (BORDENAVE, 1995, p. 13).

No processo de comunicação não se pode esquecer a “intenção” ao se comunicar alguma coisa. Ocorre que uma mensagem possui “funções de linguagem” (CHALHUB, 2002, p. 21); no caso da *Revista Diálogo*, a função é a escrita. A intenção da editora da *Diálogo* – que é a “fonte codificadora” – está relacionada ao receptor. Para a editoria, espera-se que o leitor-professor selecione a mensagem – decodifique –, compreenda-a – interprete “de acordo com seu repertório simbólico-cultural” (SANTHIAGO, 2005, p. 1), aceite-a e aplique-a.

Já a intenção do professor-leitor também é existente e bastante latente. Como decodificador, “deseja selecionar o que é importante para ele, entender, avaliar para decidir se aceita ou não e aplicar o que acreditar válido na mensagem” (BORDENAVE, 1995, p. 20). Porém, o leitor da *Revista Diálogo* vai além das intenções básicas. Ele possui “intenções específicas conjunturais”, todas relacionadas ao conteúdo da mensagem expressa na revista.

Bordenave (1995) relaciona 23 itens de possíveis intenções. Desses, pelo menos seis são nitidamente percebidas nas cartas dos leitores da *Diálogo*: “expressar-se, pedir informação, informar, revelar, mostrar, despertar curiosidade” (BORDENAVE, 1995, p. 20). A *Revista Diálogo* possui público-alvo: os professores-leitores que são profissionais dispersos no território nacional e até internacional, que buscam na revista fonte de informação e saber. O público, segundo escreveram os Mattelart (1999), é produto da longa história dos meios de transporte e de difusão e que progridem com a sociabilidade. “Pode-se fazer parte de vários públicos ao mesmo tempo. E essa complexidade exige que se busquem suas consequências sobre os destinos dos grupos (partidos, parlamento, associações científicas, religiosas, profissionais)” (MATTELART, 1999, p. 24).

Já as cartas dos professores-leitores publicadas na *Revista Diálogo* são um estímulo-resposta. Um estímulo à orientação, ao aprofundamento do saber. A aferição está – a partir das Cartas dos Leitores – no interesse por parte dos professores-leitores pelo aprofundamento no Ensino Religioso, a importância que dão às mudanças que estão acontecendo em sala de aula.

Entre os exemplos há cartas de professores que não atuam na disciplina do Ensino Religioso, que são de outras disciplinas, mas que possuem a revista por outros motivos:

sou professor de Português na rede Estadual e milito com a pastoral da Juventude na minha Paróquia. Por esse motivo gostaria de receber o primeiro número grátis da Revista para depois fazer a assinatura. Luís Alberto dos Santos – Pedro Gomes-MS (DIÁLOGO, 1995, p. 4).

O estímulo-resposta é trabalhado na revista, a partir da concepção da direção em fazer com que o leitor participe do processo de elaboração da revista. É a Seção Cartas o principal ‘condutor de alimentação’ do periódico, para que essa participação ocorra de fato. Esse espaço é reservado para a reprodução das correspondências enviadas à redação do periódico pelo público-alvo. Nestas, os leitores expressam suas opiniões sobre as matérias publicadas, fazem solicitações e sugestões, entre outras ações. Esse estímulo-resposta pode ser observado na introdução da seção:

Caríssimo(a) Educador(a)

Diálogo – Revista de Ensino Religioso é para você. Queremos que ela corresponda às suas expectativas. Para isso é importante a sua participação. Escreva-nos manifestando o seu parecer e as suas sugestões (DIÁLOGO, 1995, p. 4).

Há nessa interação uma força mútua muito enraizada. Por meio das cartas e do contato em eventos e encontros dos professores do ER, foram extraídas as sugestões e a inclusão de temas, conforme relatou a editora da revista, irmã Luzia Sena, em entrevista:

[...] desde o começo procurei criar esta sintonia com o professor, inclusive quando eu participava desses encontros, passava uma listinha [...] ‘Nós estamos fazendo a revista *Diálogo*, que vocês pediram; quais os temas que gostariam que fossem abordados? Está faltando algo? Qual a crítica que vocês têm? Alguma coisa não está legal, não está correspondendo? Escreva no papel’. E passava a folhinha [...] e o pessoal escrevia sugestões de títulos para as revistas, assuntos que deveriam ser abordados [...]. O que mais pediam era a parte pedagógica [...]. Desde o começo, nós tivemos essa preocupação muito grande de estar nesse diálogo com o professor para que a revista realmente respondesse à necessidade do professor. Tivemos muito

*cuidado, fazíamos esses encontros sempre, não passava um encontro sem que perguntássemos das sugestões, da avaliação, que a fizessem por escrito.*²

Isso também se percebe no diálogo entre a sugestão do leitor-escritor e a resposta imediata, feita pela direção. A editora publica a carta do leitor e logo abaixo coloca sua posição, ou sugestão de leitura, ou simplesmente coloca seus “recados” na seção. Veja o exemplo a seguir:

Sou professor do Colégio Maria Auxiliadora, Canoas/RS, e senti-me contemplado com uma bela e necessária Revista. Penso que os temas são oportunos e estão preenchendo uma necessidade nossa. Meu interesse bem como dos demais colegas do Colégio Maria Auxiliadora é entrosar-nos na caminhada feita pelo Fórum Nacional do Ensino Religioso. Lendo o relato das notícias da Revista nº 2, decidimos participar da discussão sobre o esboço desta discussão, já que relatam que estão enviando às bases. Ivo Fiorotti – Canoas – RS.

Ivo, ficamos felizes com o interesse e decisão sua e de seus colegas em participar da caminhada do Fórum. Para maiores informações, veja Notícias nesta Revista (DIÁLOGO, 1996, p. 4).

A *Diálogo – Revista de Ensino Religioso* já nasceu com uma função social e cultural: levar até o professor-leitor o conhecimento atualizado sobre o ER e seu contexto e valores sociais. É um fator cultural, porque interage e realiza a mediação entre o conhecimento-leitor-sociedade. Entre essa função social está a questão da formação de líderes. Os professores-leitores da revista são formadores de opinião. Não somente no ambiente da sala de aula, ou escolar, como também na comunidade na qual estão inseridos. Para a comprovação, além de professores que exercem seu papel de multiplicadores e mediadores do saber, em sala de aula, também são mediadores em suas comunidades e fazem uso dos conhecimentos transmitidos na Revista para repassá-los ao grupo social ao qual pertencem. Por exemplo:

foi com muita alegria que recebi a última publicação da revista Diálogo sobre *Arte e religião*; gostei muito da entrevista, ficou ótima. Entreguei um exemplar para a direção do colégio e tanto

² SENA. Entrevista concedida a Claudia Regina Tavares Cardoso Adkins na sede da Editora Paulinas, jan. 2006.

os assessores quanto os coordenadores apreciaram muito. Aliás, a equipe de Ensino Religioso utiliza muito a revista para planejar e organizar as atividades em sala de aula. As professoras de Arte também comentaram sobre a bela forma como a Arte e a Religião se integraram nesse exemplar. Gisele Panetta Marquetti – São Paulo – SP. (DIÁLOGO, 2004, p. 6).

Algo mais que *feedback*: o diálogo

Dentro das funções de linguagem, conforme descreve Chalhub (2002) e se baseando no estudo da *Revista Diálogo*, a Paulinas é o emissor, que tem a função emotiva; a revista é o canal, com função fática, para a transmissão do conhecimento sobre o fenômeno e o Ensino Religioso. Porém, a revista é também percebida como uma extensão dessa emissão. Os professores-leitores são os receptores, que possuem a função conativa, em uma mensagem. Esses receptores possuem suas exigências, saberes preestabelecidos. Há necessidades e parâmetros sociais que interferem – positiva e negativamente – na aquisição e recepção dessa leitura e saber.

Manuel Carlos da Conceição Chaparro (1992) conceitua que as cartas dos leitores ao veículo de comunicação são o ato de exprimir uma opinião, que pode ser “reivindicatória, cultural ou emocional do leitor” (CHAPARRO, 1992 apud MELO, 1992, p. 63-68). Além desse conceito, o autor esclarece que, na ação jornalística e comunicacional, a “carta é uma concessão ao leitor” (CHAPARRO, 1992 apud MELO, 1992, p. 63).

Na *Diálogo* há uma “conversa” entre direção e receptor, por meio do editorial. Há o *feedback*. Editorial é, segundo José Arbex Júnior (1982), citando o professor Melo (1985), “o gênero jornalístico que expressa a opinião oficial da empresa diante dos fatos de maior repercussão no momento” (ARBEX JÚNIOR, 1982 apud MELO, 1992, p. 91). É, portanto, no editorial que se percebe a mensagem específica da linha ideológica das Paulinas.

É no prólogo das Cartas dos Leitores que a direção anuncia as mudanças ocorridas a partir daquele número da revista, quando se acrescenta uma seção e o objetivo dessa alteração. Também é nessa seção onde se encontram as respostas dos professores à direção. Como os exemplos citados a seguir, extraídos do enunciado da direção na seção Cartas:

[...] Oferecemos um espaço para você transmitir o seu parecer sobre a revista e, sobretudo, partilhar as suas experiências de Ensino Religioso com todos que atuam nessa área [...] (DIÁLOGO, 1997, p. 4).

Recado da Equipe da Diálogo: Recebemos, por carta, telefonemas e contato pessoal, algumas sugestões para tornar a revista mais prática. Atendendo às solicitações feitas oferecemos, após os artigos, propostas de atividades para serem realizadas com os alunos. A Revista é um espaço aberto para troca de experiências. Queremos caminhar com você. Escreva-nos! (DIÁLOGO, 1998, p. 4).

O *feedback* passou a constar nos estudos do biólogo Ludwig Von Bertalanffy (1933), autor da Teoria Geral dos Sistemas, que inclui o trabalho com a tensão de um sistema, que, por sua vez, depende do retorno da informação. Nesses sistemas estão inclusas entradas (de informação em um sistema analisado) e saídas (input/output, ação/retroação) (MATTTELART, 1999, p. 63).

Os pesquisadores da comunicação de massa e da opinião pública pegam emprestado a abordagem sistêmica e aplicam em seus estudos. Entre as aplicações está o esquema, até então linear, de Shannon (1948), que o americano Melvin De Fleur (na década de 1960) torna mais complexo, incluindo o *feedback* no sistema social formado pelos veículos de comunicação de massa. Segundo De Fleur (1966), as mídias são sistemas sociais independentes, porém entrelaçados e vinculados “entre si de maneira sistemática” (DE FLEUR, 1966 apud MATTTELART, 1999, p. 64). Com o avanço tecnológico já imperando na década de 1970, essa teoria é ampliada.

Essa ampliação é assimilada pela *Revista Diálogo* por ser uma revista monotemática – que aborda o mesmo tema, sob vários ângulos do conhecimento. Por esse motivo, ela desenvolve uma progressão orientativa do tema. Isto é, o assunto abordado é primeiramente tratado em artigo inicial de forma geral, explicativo, elucidando toda e qualquer dúvida sobre o tema. Os próximos artigos e seções vão aprofundando o assunto, ao mesmo tempo em que o tornam um tema prático, de fácil assimilação e, portanto, facilmente tratado pelos professores-leitores.

Conforme Chalhub (2002), em uma mensagem podem estar envolvidas diferentes funções, porém apenas uma “função determinará o perfil da mensagem, as outras funções relacionam diferentes níveis de linguagem numa mesma mensagem” (CHALHUB, 2002, p. 23). Na *Revista Diálogo* há, basicamente, o destaque de duas funções de linguagem: a emotiva

e a conativa. Na conativa, a mensagem está direcionada para o destinatário. A mensagem tenta “influenciar” ou “apela pela atenção do receptor” (CHALHUB, 2002, p. 22). Na função emotiva, o emissor procura atrair a atenção do leitor por meio de argumentos que transmitem emoção.

Portanto, há entre a leitura e o texto, entre sujeito-leitor e objeto-lido, mais que um *feedback*: têm-se autênticos pactos de leituras sociais que tornam possíveis não só um enorme negócio, mas uma transformação cultural.

Emissor e receptor: uma relação de contradições

Percebe-se na *Revista Diálogo* uma preocupação em ter um bom relacionamento com seu público-alvo, o professor-leitor, especificamente com o professor do Ensino Religioso. Ela procura desenvolver seus receptores, reafirmando o “gênero jornalístico opinativo” das Cartas dos Leitores. Quando se descreve “desenvolver seus receptores” é porque se identifica no relacionamento por meio das Cartas. Nessas cartas, os receptores-leitores expressam suas opiniões, ideias, sugerem e interferem no processo de produção da revista.

Esse desenvolvimento e envolvimento do professor-leitor-receptor são percebidos pelas “fórmulas mágicas”, conforme Chalhub (2002) escreve sobre a função conativa da mensagem: “marca-se gramaticalmente pela presença do imperativo e do vocativo e pela segunda pessoa do verbo. É revelada também nas fórmulas mágicas ou encantatórias – as que se expressam em forma de desejo: ‘Fiquem com Deus’ ou ‘Vá para o inferno!’” (CHALHUB, 2002, p. 23).

As cartas publicadas na revista são exatamente como chegam à editora. Não há cortes – o que ocorre são redução no prólogo e/ou no epílogo da correspondência. Não há manipulação da informação. São publicadas todas as cartas dos leitores recebidas, com comentários positivos ou não, elogiando ou cobrando aprofundamento dos textos, como no exemplo abaixo, ao qual a editora acrescenta o título “Omissões”, de um dos articulistas da revista, o professor Francisco Catão:

Omissões

Constatei uma séria omissão nos artigos que tratam do tema *Sociedade, religião e poder*, na revista de agosto. Omissão objetiva, pois o que há de central em todas as religiões é a percepção

da transcendência [...]. Os artigos se limitam ao universo do que é material nas religiões, sem salientar o que lhe é próprio: a busca do sentido transcendente da vida. Omissão subjetiva, enquanto silencia a religiosidade, como vivência da religião, e trata da questão do poder com a pseudoneutralidade das ciências humanas, incapaz de captar o fenômeno religioso em sua originalidade. Francisco Catão – São Paulo – SP (DIÁLOGO, 2002, p. 7).

Tem-se ainda a entrevista com a editora, irmã Luzia Sena. Ela confirma a publicação de todas as correspondências, seja por meio eletrônico (e-mail) ou físico.

Em geral o pessoal não escreve cartas longas [...]. Sabe que nós publicamos todas, não deixamos nenhuma fora. Dependendo, a gente até aumenta a questão da página [...], mas nós publicamos todas, todas, todas, que nós recebemos até agora.³

A comunicação nesse processo procura compor o sujeito e o objeto, saindo do determinismo entre emissor e receptor. Aqui, fica explícito que esse sujeito ocupa um espaço de contradições, que busca significados para a vida cotidiana – a individual e a coletiva. É um sujeito que produz culturalmente, é um espaço cultural a ser estudado e respeitado.

Portanto, os estudos sobre os meios de comunicação abrangem a visão de espaço público, que questiona, reconhece valores do grupo social. Nesse espaço ocorre o debate, a negociação, já que a construção de valores sociais acontece tanto pelo produtor, quanto pelo receptor. É a posição de mediação, na qual emissor, receptor e grupo social são agentes mediadores do processo comunicacional.

Martín-Barbero (1995) comunga da ideia de que recepção é mediação. Para ele, a recepção não é apenas uma *etapa* do processo de comunicação. É um *lugar* novo, de onde se deve repensar os estudos e a pesquisa de comunicação (MARTÍN-BARBERO, 1995, p. 39). Nessa visão de “lugar novo”, o autor apela à sensibilidade para a existência, na investigação da recepção na pós-modernidade, para “a multiplicidade, e a heterogeneidade” *do e no tempo* (MARTÍN-BARBERO, 1995, p. 43).

³ SENA. Entrevista concedida a Claudia Regina Tavares Cardoso Adkins na sede da Editora Paulinas, jan. 2006.

Outro elemento no estudo da recepção é a “mediação das novas fragmentações sociais e culturais” (MARTÍN-BARBERO, 1995, p. 44). Há atualmente um novo repensar social. Sociedade em transformação profunda, na qual se pode saber mais, observar mais.

Outra dimensão da recepção é a exclusão cultural. Onde se procura desqualificar o gosto popular, os gêneros narrativos e, ainda, deslegitimar os modos populares de recepção. A cultura popular atual é vista de maneira negativa, como ruído, como transtorno à informação. A demanda social é outra dimensão da recepção. Na sociedade e na vida do grupo social há diferentes modos de ler, de ver e de escutar.

Também não dá para separar o estudo da recepção e os processos de produção. Para Martín-Barbero (1995), é preciso levar em conta a “concentração econômica dos meios e a reorganização do poder ideológico da hegemonia política e cultural, que estão tendo lugar em nossa sociedade” (MARTÍN-BARBERO, 1995, p. 55). Portanto, produção e recepção são indissociáveis. O processo de comunicação e do meio está na interação que o próprio meio transmite ao receptor. Para Martín-Barbero (1995), a recepção é um espaço de interação, subentendendo a interação com o todo: com a mensagem, com a sociedade, com os atores sociais e também com os aparatos, os meios.

Com o desenvolvimento tecnológico e a instauração da produção industrial, a imprensa se altera, passando a ser uma organização com processos complexos. Os acontecimentos geram fatos que, por sua vez, fazem a notícia. Essas são valorizadas nos veículos de comunicação e expressas por meio dos gêneros opinativos.

A opinião da organização ou empresa aparece no editorial; a do jornalista surge nos comentários, crônicas, caricaturas, charges e nas colunas. Uma terceira forma de opinião é os artigos, geralmente escritos por colaboradores desejosos em “participar da vida política e cultural” do País. Por último, “a opinião do leitor encontra expressão através da carta” (CHAPARRO, 1992 apud MELO, 1992, p. 65).

O professor José Marques de Melo (1983) defende o conceito de um leitor participativo, o que tornaria a comunicação bidirecional:

O leitor deveria constituir o principal foco de atenção daqueles que fazem jornalismo. É em função dele que os repórteres observam os fatos, que os redatores escrevem matérias, que

os editores decidem o que divulgar. Deveria ser; mas não é. O leitor, o receptor, não participa do processo de produção jornalística. Ou melhor, não participa ativamente. [...] Romper a barreira entre o editor e o leitor tem sido o desafio para quantos pretendem que o processo jornalístico se converta numa prática comunicativa bidirecional (CHAPARRO, 1992 apud MELO, 1992, p. 65).

No que tange à responsabilidade da direção da *Revista Diálogo*, o processo jornalístico é estimulado a ser uma comunicação bidirecional. Para isso a revista foi criada: para estimular o professor-leitor do ER a conhecer e participar do processo social e a se informar e a dar a devolutiva à direção.

Portanto, a revista queria transmitir a “herança social” religiosa que se encontrava perdida nas instituições de ensino. Vivas nas instituições religiosas, porém, inexistentes como componente curricular nas escolas brasileiras.

O professor-leitor encontra na *Revista Diálogo* uma forma de expressão do conhecimento em Ensino Religioso. Isso porque a maneira como cada matéria é apresentada a ele depende do seu prévio conhecimento sobre o assunto, e também porque ele encontra de uma forma específica o conjunto todo: a revista. O processo de apropriação do leitor, ao que se lê, depende dele mesmo.

Entender o fato exige, de um lado, a formação de leitores ou de espectadores como membros de diferentes ‘comunidades interpretativas’ que partilham as mesmas habilidades, códigos, hábitos e práticas, e, de outro, a caracterização dos efeitos produzidos nos textos por suas diferentes formas de publicação e de transmissão (CHARTIER, 2002, p. 59).

A linha editorial de um veículo de comunicação trabalha com inúmeras variáveis. Assim, observa-se, na história dos textos impressos e de sua estrutura, a conformidade em função do público. Na criação da *Diálogo*, o formato da revista foi elaborado pensando no professor-leitor. Quem afirma é a editora, irmã Luzia Sena:

[...] nós começamos do zero, inclusive pensando no formato da revista, colocando-nos no lugar do professor, como ele queria que fosse. Pensamos até no formato pequeno para colocar na bolsa, pensamos no leitor principalmente.

Desde o formato, para facilitar, inclusive para ser uma coisa mais fácil do professor manusear, levando na bolsa, lendo também no ônibus, no caminho, indo de uma escola para outra.⁴

Segundo Chartier (1999), o desafio da cultura escrita ainda neste século, como também o foi no século XVI, é “medir” o intelecto e as emoções do leitor com relação ao objeto de leitura. A relação que o leitor tem e desenvolve com o objeto de leitura é totalmente peculiar e heterogênea. Peculiar porque vai da capacidade de cada leitor assimilar o que lê, e também heterogênea pelo mesmo motivo, acrescido dos motivos pelo qual lê. Chartier (1999) descreve o leitor em suas limitações e liberdade ao praticar a leitura. “A leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados. [...] apreendido pela leitura, o texto não tem de modo algum – ou ao menos totalmente – o sentido que lhe atribui seu autor [...]” (CHARTIER, 1999, p. 77).

Com relação à liberdade do leitor de apropriar-se do texto lido, Chartier (1999) descreve que esta liberdade é relativa, pois perpassa por sua dependência intelectual, cultural e social. O autor declara:

Toda história da leitura supõe, em seu princípio, esta liberdade do leitor que desloca e subverte aquilo que o livro lhe pretende impor. Mas esta liberdade leitora não é jamais absoluta. Ela é cercada por limitações derivadas das capacidades, convenções e hábitos que caracterizam, em suas diferenças, as práticas de leitura. Os gestos mudam segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler (CHARTIER, 1999, p.77).

Cartas dos leitores da *Revista Diálogo*

Foram estudadas as cartas e e-mails encaminhados à editora da revista, pelos leitores, sendo eles professores ou não, e que foram publicadas na seção Cartas da revista. Essa seção foi especialmente criada para ‘dialogar’ com os leitores-receptores.

No número zero da *Revista Diálogo* (outubro de 1995, p. 4), portanto, na primeira seção Cartas, a editora enuncia o objetivo do espaço:

⁴ SENA. Entrevista concedida a Claudia Regina Tavares Cardoso Adkins na sede da Editora Paulinas, jan. 2006.

Caríssimo(a) Educador(a)

Diálogo – Revista de Ensino Religioso é para você. Queremos que ela corresponda às suas expectativas. Para isso é importante a sua participação. Escreva-nos manifestando o seu parecer e as suas sugestões (DIÁLOGO, 1995, p. 4).

O espaço é colocado à disposição do leitor-receptor, que nele passa a ter “voz ativa”, ou seja, é o lugar onde expõem suas ideias, sugestões, elogios e posição sobre o tema Ensino Religioso. Também é nesse espaço que discorrem sobre a abordagem de assuntos inferidos nas edições publicadas da revista.

Na primeira década foram 134 correspondências enviadas e publicadas na seção Cartas dos Leitores. Os leitores participaram interagindo com a editoria, enviando correspondências, por meio físico ou eletrônico (*e-mail*).

A distribuição da revista tem alcance nacional e, pode-se arriscar, internacional. Essa afirmativa pôde ser percebida pela localização geográfica dos leitores, vista nas correspondências identificadas pela direção. Também é comprovada pelos locais de distribuição da Paulinas: a editora está instalada nas principais cidades e capitais do território nacional. Contam ainda com uma Central de Telemarketing, com discagem gratuita, por meio de um número com base no 0800, que atende chamadas de todas as cidades mundiais.

As correspondências publicadas dos leitores são originárias de 77 cidades diferentes. Dessas, 20 contam com mais de uma participação. A Região Sudeste, formada pelos Estados de São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Espírito Santo, foi a que mais gerou correspondências à *Diálogo*: foram 55 cartas (41,04% dos envios), postadas de 27 cidades diferentes. Desses Estados, São Paulo foi representado por oito cidades, sendo que só da capital paulista foram 16 correspondências. Cabe salientar que a Região Sudeste é realmente onde mais se tem acesso à Revista, possivelmente pela alta concentração de livrarias e distribuidoras da Editora Paulinas e pela maior concentração populacional.

Em segundo lugar na classificação está a Região Sul, composta pelos Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, com 22 participações (16,14%). É possível supor que a Região Sul encontra-se nessa classificação porque desenvolveu, nas últimas décadas, o Ensino Religioso de maneira mais sistemática. Como exemplo dessa sistematização, destacou-se a criação do Fonaper, em 1995, em Santa Catarina; no Paraná, a fundação da Associação Inter-Religiosa de Educação (Assintec), em 1973, e a criação

do Grupo de Pesquisa Educação e Religião (GPER), em 2001. Agrupando Sudeste e Sul, obteve-se 57,45% dos leitores-receptores da *Revista Diálogo*, residindo nessas duas regiões. Esse índice é reafirmado pela pesquisa da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), de 2004, sobre “O perfil dos professores brasileiros: o que fazem, o que pensam, o que almejam...”, realizada nas 27 unidades da Federação, com 5 mil professores do ensino fundamental e médio, das instituições públicas e particulares. Essa publicação aponta que os índices de docentes nas duas regiões somam 61% (UNESCO, 2004, p. 162).

Depois, com 21 correspondências (15,67%), está a Região Nordeste, composta pelos Estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia. Em quarto lugar, com 16 cartas (11,94%), está a Região Centro-Oeste (Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás e Distrito Federal). A última, com apenas oito participações (5,97%) foi a Região Norte, formada pelos Estados do Acre, Rondônia, Amazonas, Roraima, Pará, Amapá e Tocantins. A baixa participação de leitores-correspondentes dessa região pode ser motivada pela ocupação rarefeita e pelas grandes extensões territoriais.

Os “outros países” participaram com apenas duas cartas (1,49%): Colômbia, com uma mensagem da capital, Bogotá; e outra de Roma, na Itália. Não foram identificadas as cidades de dez dos correspondentes, tendo sido procuradas inclusive no texto, e não somente na assinatura da carta.

Numa classificação relativa ao gênero, a maioria dos 134 correspondentes é composta por mulheres: 93 do sexo feminino e 40 do masculino, além de um único correspondente que subscreveu como sendo da “União Catarinense de Educação”. Os universos feminino e masculino que escreveram para a editoria da *Revista Diálogo* estão concentrados na região Sudeste do Brasil. Foram 39 correspondentes mulheres e 16 homens. Acompanhando a tendência demonstrada quanto à quantidade de cartas por região do país, novamente o segundo colocado foi o Sul, com 17 correspondências emitidas pelas leitoras. Em contrapartida, apenas quatro foram emitidas por leitores do sexo masculino.

Foi verificada em todas as regiões maior participação da leitora-receptora, com resultado final de 69,40% contra 29,85% do público masculino. Na pesquisa da Unesco (2004), o porcentual dividiu-se em 81,3% de professoras e 18,6% de professores (UNESCO, 2004, p. 161).

Ainda de acordo com a pesquisa da Unesco (2004), o que chamou a atenção foi a predominância de docentes do sexo feminino nos municípios com menos de 100 mil habitantes, enquanto os do sexo masculino concentram-se nos municípios mais populosos, com mais de 100 mil habitantes (UNESCO, 2004, p. 162) – o que comprova também o fator econômico no processo de trabalho e o aumento ou complementação da renda familiar.

Por meio da leitura das cartas dos professores-leitores da *Revista Diálogo*, foi possível identificar possibilidades cognitivas, como a formação/ atuação do leitor; subsídio para atuação em sala de aula; ação direta com os alunos e percepção do leitor quanto à apresentação.

A formação e a atuação profissional do professor-leitor foi uma das categorias detectadas para poder delinear seu perfil. Dessa observação resultaram dez subcategorias: professor(a) – que alcançou o índice de 37,30% entre as cartas dos leitores –; professor(a) em Ensino Religioso nas redes pública ou particular; professor(a) de outra disciplina; professor(a) de outra disciplina com atuação em ER; coordenação do ER ou coordenação/ direção de escola; religiosos(as); aluno(a); outras profissões; autores de artigos (articulistas) e, por fim, os que não especificaram sua profissão ou atuação profissional.

O percentual de 46,25% (que corresponde a 62 leitores) não especificou a formação ou a atuação profissional. Porém, aproximadamente 21 receptores deixaram implícito em suas correspondências qual é sua atuação profissional ou formação acadêmica. Como informação, no resultado da pesquisa da Unesco (2004), 67,6% dos professores entrevistados possuem curso superior (UNESCO, 2004, p. 163).

Com base nessas declarações e, hipoteticamente, se realizada uma junção desses 21 leitores ao índice de “professor(a) em Ensino Religioso nas redes pública ou particular”, passam a constar 42 docentes-leitores (31,34%), o que reflete um excelente índice de profissionais que, ao ler a *Revista Diálogo*, estão se informando e dando continuidade à formação profissional sobre o fenômeno religioso. Outra denotação é que esse leitor-receptor estava preocupado em comunicar-se com a direção da revista, em transmitir seu pensamento em relação ao objeto lido:

Achei de suma importância, para os professores de Ensino Religioso, o artigo do professor Francisco Catão “Valores e religião”, publicado na revista de fevereiro. Sugiro que a revista

publique mais artigos desse professor e grande pensador dessa disciplina. O artigo do professor Vicente Martins, “A prática de valores na escola”, trouxe também uma contribuição bastante esclarecedora. Ambos concordam que a disciplina de Ensino Religioso não pode se limitar à educação em valores. Nerva Gerbi Magrini de Lima – São Paulo – SP (DIÁLOGO, n. 39, 2005, p. 7).

Outro importante índice de correspondentes com a direção da Diálogo é o de “professores em ER das redes pública e particular”, empatado com os “religiosos(as)”, ambos com 15,67%, ou seja, 21 cartas. Cabe ressaltar que a especificação “religiosos(as)” engloba freiras, padres, freis, bispos, rabinos, pastores e pessoas leigas de igrejas evangélicas. Nessa subcategoria, observou-se nos textos dos correspondentes que, sendo religiosos, são também profissionais que atuam como professor ou coordenador do Ensino Religioso, na direção de uma instituição de ensino, ou ainda que se enquadram na categoria de “autores de artigos” publicados na revista. Esse entrelaçamento entre atuar como professor, ser religioso e exercer função de coordenação ou direção é aceitável no sistema educacional, conforme se pode verificar a seguir:

Num *encontro com professores*, no qual refletimos sobre o tema cidadania, recorri à revista Diálogo do mês de março de 1996, que foi muito feliz na abordagem desse tema enfocando, principalmente, a cidadania e o papel do professor e a sala de aula como espaço de cidadania. Este número da revista ofereceu contribuições práticas, numa abordagem simples, clara e dinâmica do assunto. Este tema passou a fazer parte do *programa escolar, o que levou muitos professores a procurar este subsídio*. Irmã Isaura Oliveira Marques – Lins – SP (DIÁLOGO, n. 11, 1998, p. 5, grifo da autora).

Também na subcategoria dos professores em ER nas redes particular e pública, há dois exemplos de que os correspondentes também são alunos em instituição de ensino superior, mais especificadamente, em Pós-Graduação:

Há muito tempo aprecio a revista Diálogo. Sou *educadora da disciplina de Ensino Religioso* e os temas apresentados são sempre pertinentes e úteis para reflexão pedagógica e social. Minha *formação é Pedagogia e atualmente sou mestrandra do curso de Teologia*. Gisele Mazzarollo – gisele.mazzarollo@fsg.br (DIÁLOGO, n. 34, 2004, p. 6, grifo da autora).

Na subcategoria de “coordenação do ER ou coordenação/direção de escola” reconhecem-se 11 cartas, o que correspondente a 8,20%. Aqui também há leitores que se enquadrariam na subcategoria dos “religiosos(as)” e dos “professores em ER nas redes pública e particular”, conforme a carta a seguir:

Sou coordenadora diocesana de ERE da rede pública na diocese de Oeiras – Floriano/PI, fui presenteada por um amigo com a Diálogo – Revista de Ensino Religioso. Fiquei contentíssima. É bom saber que se pode contar com uma revista dessa natureza. Parabenizo a equipe pela iniciativa, essa revista contribuirá para o enriquecimento das aulas de Ensino Religioso. Irmã Eudes – Floriano – PI (DIÁLOGO, n. 1, 1996, p. 4, grifo da autora).

Observa-se um grande entrelaçamento das subcategorias função, atuação e formação. Há coordenadores do ER que também atuam como professores, ou religiosos que são docentes e também coordenadores, ou, ainda, articulistas da revista. Essa “teia” profissional – aparentemente confusa – é amplamente aceita e praticada no meio escolar.

No subsídio para atuação em sala de aula percebe-se a satisfação de 37,31% dos leitores. São 50 correspondências à direção que declaram a importância da revista e como sua criação preenche a lacuna relativa a esse objeto de conhecimento. Outras declaram o quanto a *Diálogo* tem auxiliado no aprofundamento do ER e suas multifacetadas, com abrangência no contexto social e educacional.

A utilização da *Revista Diálogo* diretamente pelos alunos em sala de aula foi verificada em sete correspondências (5,22%):

Tenho 10 anos, estou na 5^a série e estudo no Colégio Marista Nossa Senhora da Glória. Estou aprendendo nas aulas de Ensino Religioso sobre os livros sagrados das diversas religiões. Gostei muito dos artigos que li na revista DIÁLOGO, aprendi muito com eles. Achei interessante a matéria sobre o budismo, pois diz que o texto sagrado é uma coleção de documentos e que também existem muitos textos sagrados nessa religião. A minha classe discutiu sobre o jeito de ser de cada religião. Foi muito legal. Tatiana – São Paulo – SP – tatianapb@ig.com.br (DIÁLOGO, n. 34, 2004, p. 6, grifo da autora).

Apesar de apenas sete correspondências representarem essa utilização da *Revista Diálogo* como material de apoio com os estudantes,

consegue-se capturar a importância dos conteúdos abordados. Houve discussões e debates entre os alunos e professores, propiciando crescimento e valor agregado aos alunos participantes.

O modo como o receptor-leitor percebe a revista pode vir a influenciar seus sentimentos com relação ao objeto do conhecimento, neste caso, o Ensino Religioso. Além disso, o formato da revista e a visualização, com imagens, fotos e ilustrações, interferem na assimilação do objeto lido. Portanto, essa subcategoria também foi percebida nas cartas dos receptores.

Entre as correspondências, 74 referem-se positivamente à apresentação da *Revista Diálogo*. Essas cartas, que correspondem a 55,22% dos leitores, também expressam seus pareceres sobre as seções e os conteúdos.

A revista passou por alteração em março de 2002, sendo a edição n. 24 a última no formato original. Tanto no editorial quanto na introdução da seção Cartas, a direção da revista, que completava sete anos de publicação, descreve o que e por que mudou:

Prezado (a) leitor(a):

Como você pode notar, fizemos algumas mudanças na Diálogo – Revista de Ensino Religioso. Queremos que ela continue sendo um veículo em prol da formação do professor de Ensino Religioso [...]. Pretendemos que a revista:

- Possibilite o aprofundamento de um tema específico a partir de diferentes perspectivas, contribuindo assim para uma visão mais ampla através dos artigos.
- Seja mais dinâmica, trazendo elementos que possam colaborar para a elaboração do trabalho do professor nas seções: - Aprendendo e ensinando; Dicas; Parábolas/Contos e/ou Poesias; Conheça mais; Teatro e Resenha.
- Esteja conectada à realidade: Você sabia; Destaque.
- Possibilite a aproximação do público com a redação e a troca de experiências: Cartas; Em Pauta; Entrevista e Sua página (DIÁLOGO, n. 25, 2002, p. 6).

Entre as correspondências dos professores-leitores, há aquelas que destacam artigos ou o conteúdo; ou a forma como as matérias estão distribuídas nas páginas; elogios e comentários sobre o “novo visual” da *Diálogo*:

Original

A revista DIÁLOGO está ótima! Toda *renovada, visual diferente, artigos excelentes* que ajudam os professores a ter segurança no

seu ministério de ensinar valores humanos. *Os professores da minha escola leram e acharam que vale a pena vocês continuarem com este visual e conteúdo.* Disseram também que é importante uma entrevista a cada edição, como a da edição de março, “Amor pela profissão”. Foi muito boa a fala do professor Amarildo. *Experiências assim são ótimas de se publicar.* Sugiro ainda que os conteúdos sejam sempre direcionados à prática do professor, inclusive com dinâmicas para desenvolvê-los. Parabéns à equipe! Nelci Bedin – Coord. do Ensino Religioso no Col. Nª Sª da Glória – Francisco Beltrão – PR (DIÁLOGO, n. 26, 2002, p. 6, grifo da autora).

Portanto, no ponto de vista do professor-leitor, a *Revista Diálogo* contribui para a formação continuada do docente do Ensino Religioso, no território nacional. Arrisca-se a inferir que a prática do professor-leitor da *Diálogo* foi alterada, transformada. Essa inferência está baseada na atualização que o profissional-leitor-professor obteve com os temas abordados na revista e por ser o conhecimento um movimento dinâmico. Esse leitor-professor encontra-se no processo dinâmico pela busca da formação continuada e permanente. Ao se “atualizar” sobre o fenômeno religioso tratado na publicação, ele deu mais um passo a caminho dessa continuidade profissional do ER.

Esse raciocínio é comprovado também pela pesquisa da Unesco (2004), segundo a qual ser profissional-professor na atualidade “implica um maior domínio das informações que circulam em distintos campos, transbordando os aparentes limites das diferentes áreas do conhecimento e a compreensão das relações existentes entre elas” (UNESCO, 2004, p. 18). O relatório, baseando-se em Perrenoud (1999), aponta que os docentes, “ainda que não se configurem como intelectuais, no sentido estrito, são eles, no mínimo, os mediadores e intérpretes ativos das culturas, dos valores e do saber em transformação (UNESCO, 2004, p. 18).

Considerações finais

A *Revista Diálogo*, nesse período de 15 anos, é um veículo de comunicação aos leitores-professores que subsidia com informação a formação relativa ao fenômeno religioso. Essa afirmação só foi possível porque, no decorrer dos levantamentos teóricos, juntamente com a

análise dos dados, observou-se que: a *Revista Diálogo* propõe e cumpre com o papel de veículo de comunicação com o público-alvo, o leitor-professor; ela promove, favorece e enriquece o diálogo que cada artigo estabelece com o leitor, sobre o fenômeno religioso, além de informar; apresenta as funções da linguagem, ressaltando ora uma determinada função, ora outra, algumas vezes apelando para a atenção do professor-leitor-receptor, outras, com mensagens com função emotiva, em que as características do emissor são destacadas.

Observa-se ainda que o processo de comunicação ocorre de maneira a valorizar o professor-leitor-receptor. Essa valorização é amplamente percebida na relação de estímulo, por parte da direção, e na resposta, que é a participação do receptor-leitor. O estímulo encontra-se principalmente no Editorial e na introdução da seção Cartas dos Leitores, quando a editora ‘conversa’ com o leitor, instigando-o a escrever à redação, com opiniões e sugestões de temas a serem abordados. O *feedback* do professor-leitor vem nas correspondências endereçadas e publicadas na revista.

Enas Cartas dos Leitores que se tem a abrangência dessa colaboração do periódico para a formação profissional. Nas correspondências, os professores-leitores expressaram suas emoções e comentaram quanto a publicação tem os ajudado na compreensão do fenômeno religioso e enriquecido a profissionalização de cada um. Esse enriquecimento na formação profissional foi registrado também pelos 37,31% que usam a revista como auxílio para atuar em sala de aula. Portanto, além de, com a leitura, processar-se em cada leitor-professor o saber sobre o fenômeno religioso e o ER, a revista contribui para a alteração desse conhecimento, como fonte para a ação do professor.

Sim, a *Diálogo* contribuiu e prossegue subsidiando a formação continuada do professor do Ensino Religioso, conforme o ponto de vista dos próprios docentes-leitores. Porém, cumpre não deixar de lado que tudo isso passa pelo diálogo cultural e religioso, que por sua vez, perpassa pela diversidade cultural e religiosa. O Ensino Religioso, como disciplina, tem a função de despertar no educando aspectos transcendentes da existência, para a busca do sentido radical da vida, descobrindo-se como ser social, consciente de ser parte de um todo. Esse processo de despertar e descobrir levará o educando naturalmente ao encontro com o Transcendente. A consequência dessa descoberta afetará as ações, gestos, palavras, significados, valores que farão parte da sua vivência e convivência.

O professor-leitor-receptor da *Diálogo* é um profissional em constante busca pelo aprimoramento. Ele se utiliza da revista para fundamentar sua teoria, para exercer uma prática consciente, sendo auxiliado em sua formação contínua. É um professor-leitor-receptor participativo no processo de elaboração da revista, como também no contexto social e profissional. Dessa maneira, a relação do professor-leitor com o periódico é, sob o olhar da teoria da recepção, fascinante, porque exerce as funções de linguagem existente em uma comunicação ou mensagem. O papel da *Revista Diálogo* é informar e comunicar a mensagem sobre o fenômeno religioso, porém, há momentos em que a relação com o leitor-professor extrapola, aproximando-se mais de um diálogo aberto e sincero entre pessoas do mesmo círculo de amizade, conforme se observou na seção Cartas dos Leitores.

Entre os objetivos dos idealizadores da *Revista de Ensino Religioso*, consegue-se perceber a raiz do discurso defendido nesse período de existência:

- a) formar professores para a disciplina de Ensino Religioso, oferecendo-lhes subsídios para a sua formação, informação e intercâmbio de experiências. Capacitá-los para a ação pedagógica no âmbito escolar, pelo conhecimento do fenômeno religioso e suas consequências socioculturais, no contexto da educação em geral;
- b) ajudar o educador a compreender o pluralismo religioso presente na sociedade brasileira e a interagir com ele, em uma atitude de respeito e de valorização das diversas opções religiosas nela existentes;
- c) propor e apresentar os elementos fundamentais de uma educação humanizadora, aberta ao Transcendente, aos valores da vida, à convivência humana respeitosa e solidária, estabelecendo bases comuns para o diálogo inter-religioso e para o exercício da cidadania;
- d) ajudar o educador, pautado em princípios éticos, a desenvolver um compromisso com a transformação social e com a afirmação da construção da cidadania, como patrimônio coletivo de toda a sociedade civil (RELATÓRIO, 2003, p. 1-2).

Por certo, “formar professores” é algo que não compete ao periódico, mas sim formação no sentido de capacitação, despertando o professor-leitor para a realidade globalizadora da atual sociedade. Dentro dessa realidade, o professor-leitor necessita de um norte, com relação à compreensão do fenômeno religioso. A revista faz esse papel, despertando-o para a interação

ética e de valorização do outro. É o leitor-professor orientando-se pelo enfoque da abertura ao Transcendente, sem ser proselitista, buscando alcançar uma educação humanizadora, voltada para o próximo e sua visão de mundo. Dessa maneira, o leitor-receptor-professor pode se alicerçar e compromissar suas práticas com as transformações sociais, baseadas em princípios éticos e cidadãos.

Referências

ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO RELIGIOSO, 10., Fortaleza. **Ata...** Fortaleza: [s.n.], 1994.

BELTRÃO, L. **Técnica de jornal**. Recife: Icinform, 1964.

BORDENAVE, J. E. D. **Além dos meios e mensagens**: introdução à comunicação como processo, tecnologia, sistema e ciência. Petrópolis: Vozes, 1995.

BRASIL. Lei n. 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa diretrizes e bases para o ensino de primeiro e segundo graus, e da outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Legislativo, Brasília, DF, 12 ago. 1971. p. 6377. Disponível em: <<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaTextoIntegral.action?id=75576>>. Acesso em: 23 jul. 2009.

_____. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Legislativo, Brasília, DF, 23 dez. 1996. p. 27833. Disponível em:< <http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaTextoIntegral.action?id=75723>>. Acesso em: 23 jul. 2009.

_____. Presidência da República. Lei n. 9.475/97, de 22 de julho de 1997. Alteração, normas, correlação, facultatividade, disciplina escolar, religião, estabelecimento de ensino, ensino fundamental, território nacional, competência, sistema de ensino, fixação, conteúdo, disciplina escolar, religião. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, Congresso Nacional, 23 jul. 1997. coluna 2, p. 15824. Disponível em: <http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaNormas.action?tipo_norma=LEI&numero=009475&data=1997&SUBMIT1=Pesquisar>. Acesso em: 21 jan. 2010.

CHALHUB, S. **Funções da linguagem**. São Paulo: Ática, 2002.

CHARTIER, R. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. São Paulo: UNESP, 1999.

_____. **Os desafios da escrita**. São Paulo: UNESP, 2002.

CORRÊA, B. R. do P. G. **Concepções dos professores sobre o sagrado**: implicações para a formação docente. Curitiba, 2006. 109 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2006.

DIÁLOGO, Revista. São Paulo: Paulinas, v. 0, out. 1995.

_____. São Paulo: Paulinas, v. 1, mar. 1996.

_____. São Paulo: Paulinas, v. 2, mar. 1997.

_____. São Paulo: Paulinas, v. 3, ago. 1998.

_____. São Paulo: Paulinas, v. 7, mar. 2002.

_____. São Paulo: Paulinas, v. 9, mar. 2004.

_____. São Paulo: Paulinas, v. 10, ago. 2005.

FAUSTO, B. **História do Brasil**. São Paulo: EDUSP, 1995.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

GARCIA, C. M. **Formação de professores**. Porto: Porto, 1999.

JUNQUEIRA, S. R. A. **O processo de escolarização do Ensino Religioso no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2002.

KOTLER, P. **Marketing**. São Paulo: Atlas, 1980.

MARTIN-BARBERO, J. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em Comunicação Social. In: SOUZA, M. W. (Org.). **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense; ECA, 1995. p. 39-70.

MATTELART, A.; MATTELART, M. **História das teorias da comunicação**. São Paulo: Loyola, 1999.

MELO, J. M. de. **Comunicação e modernidade**: o ensino e a pesquisa nas escolas de comunicação. São Paulo: Loyola, 1991.

PERRENOUD, P. Formar professores em contextos sociais em mudança. **Revista Brasileira de Educação**, n. 12, p. 5-21, set./dez. 1999.

SANTHIAGO, R. **Outras vozes pela cidadania:** aspectos da interação leitor/publicação no espaço de cartas do leitor. 2005. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br>>. Acesso em: 16 nov. 2006.

SENA, L. M. de O. Dez anos de diálogo. **Revista de Educação AEC**, n. 138, p. 94-96, 2006.

RELATÓRIO do Departamento de Marketing e Publicidade da Revista Diálogo. São Paulo: Edições Paulinas, 2003.

UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION – UNESCO. **O perfil dos professores brasileiros:** o que fazem, o que pensam, o que almejam. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. São Paulo: Moderna, 2004. 224 p.

Recebido: 10/03/2010
Received: 03/10/2010

Aprovado: 25/05/2010
Approved: 05/25/2010